

**DOSSIÊ TEMÁTICO:** Debates em torno da educação básica, das políticas de currículo e da formação docente

 10.22481/praxisedu.v15i33.5282

## CURRÍCULO E PRODUÇÃO DE SUBJETIVIDADES

### CURRICULUM AND PRODUCTION OF SUBJECTIVITIES

### CURRÍCULO Y PRODUCCIÓN DE SUBJETIVIDADES

*Marcia Nico Evangelista*

Universidade Federal Fluminense - Brasil

*Maria de Fátima Costa de Paula*

Universidade Federal Fluminense - Brasil

**Resumo:** Reconhecendo a importância que as instituições escolares possuem neste tempo histórico e na sociedade moderna, o presente trabalho visa discutir a questão curricular na perspectiva da produção de subjetividades através do governo da infância. Frente a isso, as políticas de currículo exigem reflexões e questionamentos sobre o significado de escola e de educação que se pretende construir. O currículo, enquanto elemento central e estruturante da função escolar, é um território rico em disputas e poder. Para tanto, o trabalho busca dialogar com os postulados do autor Michel Foucault partindo de conceitos como “governamentalidade” que caminha no sentido do governo dos outros; como o processo de “disciplinamento” exercido pelos currículos e o conceito de “cuidado de si” como possibilidade para a formação docente. Ainda serão abordadas as contribuições das autoras Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo no que se refere às “teorias de currículo”.

**Palavras-chave:** Currículo. Poder. Subjetividades.

**Abstract:** Recognizing the importance that school institutions possess in this historical time and in modern society, the present work aims to discuss the curricular question from the perspective of the production of subjectivities through the governance of childhood. In face of this, curriculum policies require reflections and questions about the meaning of school and education that is intended to be built. The curriculum, as a central and structuring element of the school function, is a territory rich in disputes and power. To this end, the work seeks to dialogue with the postulates of the author Michel Foucault, starting from concepts such as "governmentality" that walks in the direction of the Government of others; as the process of "disciplining" exercised by the curriculum and the concept of "self-care" as possibility for teacher training. The contributions of the authors Alice Casimiro Lopes and Elizabeth Macedo will also be addressed in terms of "curriculum theories".

**Keywords:** Curriculum. Power. Subjectivities.

**Resumen:** Reconociendo la importancia que las instituciones escolares poseen en este tiempo histórico y en la sociedad moderna, el presente trabajo pretende debatir la cuestión curricular desde la perspectiva de la producción de subjetividades a través de la gobernanza de la niñez. Ante esto, las políticas del currículo requieren reflexiones y preguntas sobre el significado de la escuela y la educación que se pretende construir. El currículo, como elemento central y estructurante de la función escolar, es un territorio rico en disputas y poder. Con este fin, la obra busca dialogar con los postulados del autor Michel Foucault, partiendo de conceptos como la "gubernamentalidad" que camina en dirección al Gobierno de los demás; Como el proceso de "disciplinamiento" ejercido por los currículos y el concepto de "cuidado personal" como posibilidad para la formación del profesorado. Las aportaciones de los autores Alice Casimiro Lopes y Elizabeth Macedo también se abordarán en términos de "teorías del currículo".

**Palabras clave:** Currículo. Poder. Subjetividades.

### Considerações iniciais

A questão proposta neste artigo sugere como indagação central o currículo e a produção de subjetividades. Não se trata de uma proposta banal, considerando a complexidade sobre a discussão em torno da elaboração de um currículo, hoje, dentro dos espaços escolares e na própria sociedade. O currículo é um ponto central de disputas de pensares dentro das instituições escolares, estando relacionado com disputas acirradas e calorosas em torno do que privilegiar para a função essencial da escola: a formação básica dos alunos e a sociedade que se deseja construir.

Ao longo das formações pedagógicas, das discussões das secretarias de educação básica, tanto na esfera municipal quanto estadual, o currículo é de fato um ponto nevrálgico no contexto da educação. Nesta perspectiva, o currículo é o território mais cercado, mais normatizado, mas também, mais politizado, criativo e significativo no percurso educacional. São diretrizes criadas pelo governo federal, indicadores para a avaliação montando um cenário de frequentes tentativas para controle e avaliação que acabam por desembocar em políticas.

Muitas são as considerações, desde o direito que todo cidadão possui de ter acesso ao conhecimento enquanto produção social até a necessária formação de mão de obra para o trabalho. Como então seria um currículo ideal? Existiria um currículo ideal? A escola seria a instituição única em nossa sociedade que poderia alcançar tal tarefa? As discussões sobre o

currículo passam por quais segmentos dentro da escola? E a sociedade deve ser convocada a participar sobre o assunto?

Questões instigantes e que percorrem o universo escolar de forma significativa, abrindo espaços para outras indagações como o próprio processo de constituição do conhecimento. O caminho do conhecimento possui relação com as experiências sociais e que conseqüentemente estão entrelaçadas com as questões sobre currículo. As experiências sociais são determinantes para o ser humano produzir conhecimento e o currículo precisa possibilitar esse processo aos alunos, às crianças. Um currículo que esteja vinculado com as tradições políticas e culturais dos coletivos humanos abre sentido para todos que estão inseridos na instituição escolar. Mas todos os segmentos dos coletivos humanos estão sendo privilegiados dentro das escolas? O padrão de conhecimento e de cultura não vem sendo ocultado ou segregado dentro da escola de acordo com os interesses de alguns em detrimento de outros? O que se espera do sistema escolar e até de seus profissionais em relação às escolhas e preferências sobre o currículo escolar?

Para que se possa adentrar nas reflexões apontadas anteriormente, o processo sobre políticas de currículo precisa ser investigado e pensado de forma bastante crítica. Para tanto, as contribuições que o filósofo Foucault traz, quando deflagra que a situação do homem na atualidade se apresenta como sujeito constituído e não constituinte, é preocupante, considerando que a formação de uma essência pensante ou de uma subjetividade livre é bastante questionável devido à internalização de padrões instituídos, de comportamentos formatados, de desejos inculcados. Seria o que Foucault aponta em seus estudos em *Vigiar e Punir* (2010a, p. 164), demonstrando que o sucesso dos processos de adestramento e de disciplinamento deve-se ao uso de instrumentos simples como o olhar hierárquico, a sanção normalizadora e o exame.

[...] “Adestra” as multidões confusas, móveis, inúteis de corpos e forças para multiplicidade de elementos individuais – pequenas células separadas, autonomias orgânicas, identidades e continuidades genéticas, segmentos combinatórios. A disciplina “fabrica” indivíduos; ela é a técnica específica de um poder que toma os indivíduos ao mesmo tempo como objetos e como instrumentos de seu exercício (grifos do autor),

O estudo de Foucault levanta perguntas sobre como este processo vem sendo desenvolvido, principalmente, dentro das escolas. A forma pela qual as escolas vêm se organizando e desenvolvendo os trabalhos pedagógicos nos impulsiona a questionarmos a subjetividade que vem sendo construída. Segundo o nosso autor, as práticas disciplinares são

responsáveis pelo controle dos indivíduos ao longo de sua existência através das subjetividades disciplinadas. Desta forma, observamos que toda a paisagem escolar moderna não foi construída sobre o saber, sobre competências intelectuais do aluno, mas sobre o ser, ou seja, sobre o modelo de cidadão que se deseja construir para a sociedade. Valoriza-se o estudante disciplinado que sabe encontrar a melhor forma de se enquadrar à vida escolar. Nas escolas, não se examinam somente conhecimentos, mas também os comportamentos e as aptidões que cada um dos estudantes apresenta de forma natural.

Foucault desenvolve estudos sobre a formação do Estado e o seu papel na sociedade moderna. Para ele, o Estado traçará uma genealogia para as sociedades modernas, apresentando uma dupla face: totalizante e individualizante. Combina uma dualidade estrutural que, de um lado, será a governamentalidade pastoral e, de outro, as estruturas da razão de Estado. Na encruzilhada desse duplo controle, o poder individualizante, pastoral e totalizante, na lógica do biopoder, originará as instituições de controle, a polícia, a escola, a prisão. E no prolongamento dessa lógica dupla, estará o Estado do bem-estar social que tratará da prosperidade e da quantidade da população, da saúde e da longevidade dos indivíduos.

Ainda neste sentido, Michel Foucault (2006) definiu como “governamentalidade” o conjunto constituído pelas instituições que preveem procedimentos, análises, reflexões, cálculos e táticas para o exercício do biopoder: uma forma específica de poder sobre a população.

[...] De modo que é preciso compreender as coisas, não como a substituição de uma sociedade de soberania por uma sociedade de disciplina, depois de uma sociedade de disciplina por uma sociedade, digamos, de governo. Tem-se, de fato, um triângulo: soberania-disciplina-gestão governamental cujo alvo principal é a população, e cujos mecanismos essenciais são os dispositivos de segurança (p.302).

Neste caminho, o governo da infância significa educar a criança partindo do princípio de que ela seja um ser distinto do adulto, com a premissa necessária de ser resguardada, cuidada e protegida. A maquinaria escolar surge com seus complexos processos técnicos de dar conta dos resultados da conduta infantil. Para constituir o comportamento das crianças na produção dessa infância, todo um conjunto de estratégias disciplinares é montado na implementação de táticas e mecanismos em que se instalam regras normalizadoras que vão do uso de uniformes e introjeção de rotinas, passando pela transmissão de conteúdos e pelo ensino de matérias, como também o controle do tempo e do espaço. A educação escolar transforma a criança em aluno, trazendo a articulação entre este governo e o modelo de

sociedade que se deseja instaurar, de maneira que o indivíduo, a criança-aluno, seja um meio e a própria condição para a concretização do governo da população.

A governamentalidade pode ser entendida como a busca de criar sujeitos que possam ser governáveis, controláveis. E as instituições educativas para a infância possuem esta expectativa, a produção de modos de ser do sujeito, de subjetividades formatadas. Uma poderosa engenharia de formação de sujeitos normalizados, de sujeitos governados com comportamentos desejáveis e assimiláveis ao padrão da normalidade. Trata-se da escola compreendida como um espaço de formação de sujeitos “civilizados”.

Para tanto, surge a Pedagogia, a ciência da educação, que produz a verdade sobre as relações educativas. Uma ciência legitimada com discurso vinculado à escola e à criança. Construirá um discurso sobre as formas de ensino e aprendizagem, os procedimentos, ações e resultados deste processo, sobre o que, como e quando ensinar, e o mais complexo assunto da educação: a produção do currículo escolar. O discurso pedagógico é um discurso feito no interior das ciências humanas que ratifica a escola como um aparato de produção, governamentalidade e disciplinarização de pessoas. A ciência pedagógica construiu discursos e saberes que foram vinculados à escola com o objetivo de efetuar todo este processo.

Em relação ao currículo, objeto central deste artigo, ferramenta poderosa para o ensino e a socialização do conhecimento, trata-se de um grande agente formador e produtor de subjetividade. O currículo possui um papel de planejar e controlar as atividades pedagógicas. O conhecimento que está vinculado ao currículo está atrelado ao objetivo da educação, tanto no sentido macro, enquanto políticas de currículo, quanto no sentido micro, atuando no cotidiano escolar, no projeto político-pedagógico das escolas.

### **Políticas de currículo**

O currículo entendido dentro de uma percepção histórica e crítica se constitui por discussões que focalizam o poder, a política e a ideologia em suas relações com o conhecimento escolar. Para tanto, os estudos sobre políticas educacionais de Stephen J. Ball possibilitam questionamentos bastante pertinentes no que se refere às reflexões sobre a centralidade do Estado nas pesquisas sobre políticas educacionais e a análise sobre a forma mais complexa dos contextos de sentido nas políticas.

Segundo Ball (2011), o termo Policy Science precisa ser cuidadosamente estudado e, conseqüentemente, evitado de ser traduzido diretamente como “ciência política” devido à complexidade que envolve o seu significado. Seria mais indicado a tradução se destinar ao

conjunto de procedimentos que permitem determinar tecnicamente o melhor curso de uma ação a ser adotada para a implementação de uma decisão ou consecução de um objetivo. Da mesma forma, o termo Policy Scientist deve ser entendido como o campo em que atuam pesquisadores que trabalham nas policy sciences. Seria um tipo de “engenharia política” ou “engenheiro político” que procura resposta tecnicamente mais adequada para problemas políticos, de acordo com o conhecimento científico disponível.

As expectativas sobre os referenciais para a análise das políticas estão na capacidade de iluminar as perspectivas das políticas em todos os contextos. Desta forma, os debates da atualidade no campo da análise de políticas se configuram nas contribuições das teorias estruturalistas, do pós-estruturalismo, das teorias feministas e das teorias pluralistas. Neste momento, algumas reflexões serão tecidas sobre a perspectiva pós-estruturalista.

A perspectiva pós-estruturalista procura enxergar as limitações das abordagens pluralistas e descritivas através de questionamentos sobre algumas concepções de políticas educacionais, sobretudo no que se refere ao entendimento de que o poder circula entre diferentes parceiros. Quanto às abordagens marxistas, as indagações estão destinadas à ênfase do papel do Estado e da produção de políticas como resultados de disputas de poder entre a economia e os agentes políticos (MAINARDES *et.al.*, 2011).

A teoria pós-estruturalista considera a ação dos sujeitos um aspecto importante para a compreensão das políticas e a fluidez do poder. Ainda destaca a relevância da análise do discurso das políticas, possuindo como referência as contribuições de Foucault. O termo discurso é para designar a conjunção de poder e conhecimento. Desta forma, o processo de formulação de políticas é enaltecido e política é entendida como uma disputa entre os sujeitos para constituição de objetivos em que o discurso, a linguagem, é usado de forma tácita. Alguns pesquisadores como Stephen J. Ball tomou como fundamento o pós-estruturalismo para a análise de políticas. Este estudioso propõe que as políticas educacionais sejam analisadas como texto e como discurso. Ainda entende a política como discurso que estabelece limites sobre o que é permitido pensar e o efeito de distribuir “vozes”. Referenciando Foucault, Ball explica que as políticas podem tornar-se “regimes de verdade” e que dentro de uma imensidão de discursos, alguns serão mais dominantes que outros. Algumas vozes serão ouvidas e serão legitimadas, pois estarão mais investidas de autoridade (MAINARDES *et.al.*, 2011).

Caminhos que privilegiam os discursos como buscas para estudos curriculares são importantes e necessários para uma visão mais crítica do processo. Contemplar e valorizar a visão de currículo plural, em que se considera as falas dos vários grupos dentro das escolas,

possibilita indagar sobre verdades ou regimes de verdades apreendidos na sociedade. A política, na perspectiva discursiva, é um importante exercício para a constituição de sujeitos críticos.

A teoria do discurso é privilegiada na análise de políticas devido à possibilidade que possui na abordagem da complexidade que envolve a formulação de políticas. Tal abordagem se refere à formulação, à exploração do contexto histórico, ao acompanhamento da implementação das políticas.

O teórico Stephen J. Ball também elucidou a abordagem do ciclo de políticas que pode ser entendida como um método de pesquisa de políticas. Isto significa que o processo de construção de políticas é visto como um ciclo contínuo em que as políticas são formuladas e recriadas. Segundo a sua teoria, o ciclo possui três momentos principais que são o contexto de influência, de produção de texto e o contexto da prática. Esses momentos não possuem dimensão temporal ou sequencial ou etapas lineares. Cada momento apresenta arenas, lugares e grupos de interesse, envolvendo embates de forças. Ball, posteriormente, acrescentou dois contextos, o dos resultados, efeitos e o contexto da estratégia política.

A análise de políticas envolve uma realidade bastante complexa, pois demanda necessidade de se considerar, além dos textos das políticas, os antecedentes e o contexto das políticas. Reconhecer as influências do contexto econômico, político, social e cultural, e, ainda, a trama que os antecedentes históricos tecem para as práticas políticas, é fundamental para o entendimento do processo da análise de políticas. Desta forma, Ball e os teóricos deste campo de pesquisa propõem que sejam considerados com relevância o contexto, os textos e as consequências da política.

Referendando a lógica desenvolvida por Ball e, ainda, considerando outras contribuições de autores que vêm se dedicando a esta área de pesquisa e de estudo, Alice Casimiro Lopes e Elizabeth Macedo (2011) consideram que essas investigações objetivam o aprofundamento da questão sobre a compreensão da política de currículo em um enfoque pós-fundacional, onde se pode operar a desconstrução das representações como currículo de qualidade, sujeito educado, boa escola, bom ensino, conhecimento legitimado e currículo para o futuro.

Tais questionamentos se apresentam imprescindíveis na atualidade, considerando o momento em que se discutem no Brasil a Base Nacional Comum Curricular e outras propostas curriculares, levantando dúvidas e muita insegurança pelas trilhas de fechamento ou enclausuramento de escolhas para as mais diversas realidades escolares em nosso país. Sendo

assim, as pesquisadoras reforçam a teoria do discurso como uma das possibilidades de avançar nessa problematização. Para as autoras (2011, p. 260):

[...] Como forma de entender essas interpenetrações, Ball (1994) define a política como discurso, propondo que a própria política seja compreendida simultaneamente como texto e como discurso. O autor defende ser preciso compreender como a política “exercita o poder pela produção da verdade e do conhecimento como discursos (p.21), assumindo formulações foucaultianas sobre discurso. As políticas são também discursos, ou seja, práticas que constituem o objeto de que falam, que estabelecem as regras do jogo em que se dão as lutas em torno dos significados. Todos os contextos de produção da política são, portanto, atravessados por discursos que constroem (e permitem a construção) de certos textos.

Essas reflexões demonstram e destacam a necessária perspicácia de se tratar o currículo como texto e como discurso. Nas sociedades da atualidade são notoriamente identificáveis os discursos plurais e contraditórios em disputa, onde é confirmada a existência de discursos dominantes, regimes de verdades e conhecimentos legitimados pelo próprio sistema. Dentro desse contexto, o currículo precisa ser reconhecido como uma importante estrutura de poder exigindo, por parte dos educadores, cuidados ao desenvolverem propostas e análises.

### **Currículo, formação docente e narrativas**

Esta etapa do artigo se direcionará para reflexões sobre a influência dos currículos nas experiências profissionais dos professores e dos educadores. Não há como deixar de reconhecer que a estrutura curricular do processo de formação de professores possui avanços, como também retrocessos. Para tanto, narrativas de profissionais da rede de educação do município de Niterói, cidade do estado do Rio de Janeiro, serão consideradas trilhas em busca de indagações e análises sobre as vivências na educação infantil, segmento da educação em que esses profissionais atuam. As narrativas que serão tratadas se referem à pesquisa realizada no curso de Doutorado do Programa de Pós-Graduação em Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, tendo sido concluído no ano de 2016 com a apresentação de Tese com o título **Os movimentos instituintes na educação infantil: políticas públicas no município de Niterói.**

A pesquisa tomou como campo de investigação as escolas públicas que oferecem a educação infantil na cidade de Niterói, discutindo as vertentes tomadas pelas instituições em realidades libertadoras ou aprisionadoras.

Desta forma, a primeira instituição escolar que será abordada está localizada na região oceânica, bairro Itaipu, e possui como característica ser uma instituição de personalidade privada com convênio com a Prefeitura, através do Programa Criança na Creche.

A fundação da Creche ocorreu em 01 de fevereiro de 2011 e se destina à educação infantil, oferecendo creche e pré-escola, atendendo crianças na faixa etária de 2 a 5 anos, em regime de funcionamento integral. A comunidade do Morro da Esperança, bairro Itaipu, em que reside a maioria de seus alunos, possui características que valem ser consideradas: moradia inadequada, ausência de saneamento básico, o não oferecimento de coleta de lixo e o costume de uma criança cuidar de outras. Esta realidade precisa ser ressaltada e conhecida para contextualizarmos a pesquisa em relação à população infantil atendida, suas necessidades e o trabalho que a instituição realiza. Esses dados foram retirados do documento Projeto Político-Pedagógico que a instituição construiu e que se torna preponderante, pois nele estão desenvolvidas questões de muita importância para este estudo: identificação da instituição; estrutura física da creche; diretrizes filosóficas; diretrizes pedagógicas e curriculares; educação inclusiva; metodologia; registro; etapas da educação infantil.

As suas diretrizes filosóficas e pedagógicas são pautadas na busca de incentivar o aluno a participar ativamente de seu aprendizado, mediante experimentação, pesquisa, estímulo à dúvida e ao desenvolvimento do raciocínio. O documento construído pelos profissionais da creche, o seu Projeto Político-Pedagógico (P.P.P.), trata de um plano que precisa compreender orientações fundamentais para o trabalho pedagógico como objetivo fim da própria instituição. Nele precisamos enxergar a preocupação central de suas práticas, seus referenciais curriculares e a metodologia. A creche registra em seu P.P.P. os objetivos, metas e procedimentos que garantam o cumprimento de sua finalidade, a construção dos conhecimentos, dos projetos pedagógicos, a construção da cidadania das crianças e de toda a comunidade escolar.

Em entrevista realizada com a Diretora da Creche Comunitária, em 19 de fevereiro de 2014, ela nos trouxe a importância do trabalho com as diversas linguagens, desenvolvendo a criatividade e a liberdade de expressão, como grande potencial para a educação infantil. Ela pensa que o respeito às crianças perpassa por uma escola que favoreça o trabalho com atividades musicais, artes plásticas, teatrais e tantas outras. A música, em especial, possui uma dimensão que toca a emoção, pois ela partilhou em sua narrativa o quanto a musicalidade vem abrindo janelas para a experiência do sensível, para a construção dos conhecimentos e para o relacionamento com a comunidade escolar, pais e professores.

[...] A gente ama música e ela permeia o nosso dia a dia. Logo na entrada a música está presente. As famílias entregam suas crianças com um fundo musical. No primeiro momento do dia, a música partilha o conagraçamento através do agradecimento pelo dia, dos aniversariantes e a importância do sorriso. Não são músicas de condicionamento, são músicas que envolvem a emoção, reflexões. Em relação a minha história, amo trabalhar com música e sempre trabalhei com músicas, inclusive, na alfabetização. O que posso afirmar é que o trabalho com a música rende bons resultados. A música entra na vida da criança e da escola humanizando o espaço escolar. Não possuo conhecimento musical, mas tenho consciência do seu potencial sensível. Nossa equipe pode até mudar, mas nossa filosofia é essa e um vai passando para o outro (Narrativa da Diretora da Creche Comunitária de Itaipu).

Além da perspectiva musical, a Creche Comunitária procura planejar e incentivar atividades que instiguem a criatividade e evitem modelos prontos. A preocupação demonstrada pela Diretora da Creche, ao longo da narrativa, sobre formas e modelos de atividades que conduzem as crianças a reproduzirem ao invés de criarem, é confirmada pelo texto abaixo.

[...] Então, me veio agora um texto que trabalhamos em uma formação aqui na escola. O texto discorria sobre a metodologia utilizada por uma determinada escola em relação aos trabalhos sugeridos aos seus alunos. Sendo assim, houve um pedido da professora para que os alunos de uma turma da educação infantil desenhassem uma flor. As crianças estavam exultantes com a proposta e iniciaram suas produções. No decorrer da realização da atividade, a professora iniciou orientações de como a flor deveria ser desenhada e colorida. Mas certa criança produziu uma flor com pétalas verde e a professora imediatamente “corrigiu” esta criança dizendo: “Não, a rosa não é verde”. A criança retornava para seu lugar e desenhava outra rosa com pétalas amarelas. A professora continuou: “Não, a rosa não é amarela”. Esta criança não conseguia “acertar” a rosa de acordo com as expectativas da professora. Transcorreram alguns dias e esta criança precisou mudar de moradia passando a frequentar outra escola. Coincidentemente, houve a mesma solicitação da nova escola para produção de um desenho de uma flor. A criança simplesmente reproduziu aquela flor que lhe foi ensinada.

Nós, aqui na Creche, procuramos desconstruir essa ideia de moldes ou formatos e nos preocupamos em deixar as crianças livres para poderem colocar para fora seus pensamentos, sua criatividade. Não queremos bloquear a imaginação das crianças. Às vezes, nós mesmos não acreditamos nos desenhos que são produzidos pelas crianças. Os cartões de Natal, por exemplo, são feitos pelas próprias crianças e são muito lindos! (Narrativa da Diretora da C.C. Itaipu)<sup>1</sup>

Desta forma, a Creche Comunitária foi considerada como uma das vertentes da investigação e observação das relações estabelecidas entre professores e crianças, entre o corpo docente em geral e deste com o corpo técnico-pedagógico. Ainda cabem investigações

<sup>1</sup> Entrevista concedida em 19 de fevereiro de 2014 pela Diretora da C.C. Itaipu, do bairro de Itaipu, Niterói.

em outras instituições de educação infantil objetivando mais aprofundamentos sobre as políticas públicas oferecidas para a faixa etária de zero a cinco anos de idade em Niterói.

Neste momento, serão discutidos estudos e observações realizados em outra instituição, Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI), no bairro do Sapê, Niterói.

Esta escola possui em sua história questões que trazem para o campo das discussões o sistema dual de atendimento à educação infantil, devido às práticas herdadas pela Creche Comunitária, localizada também no bairro, e que encerrou suas atividades pela inauguração da referida UMEI. Os professores que lá trabalhavam foram contratados e passaram a fazer parte do corpo docente da UMEI, provisoriamente, até que a Prefeitura de Niterói providencie concurso público para cargo de professor da Fundação Municipal de Educação.

Em entrevista com a supervisora da UMEI, podemos tecer várias inferências significativas em relação ao compromisso político com a educação, como também, com a formação dos professores. A sua experiência acadêmica iniciou-se na Faculdade de Comunicação Social, mas depois decidiu-se pela área da Educação. Concluiu Pedagogia pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e depois realizou o mestrado em Políticas Públicas na mesma universidade.

[...] Uma das primeiras coisas que quando cheguei aqui estranhei foram os professores de contrato. A minha experiência que eu vejo sobre os professores de contrato é a precarização da formação. Nós temos aqui uma estrutura incrível, a escola é limpa, com recurso, é linda, tem tudo, mas as pessoas não têm preparo e a contratação foi muito precária. Para mim a primeira coisa deve ser a formação profissional. O que eu faço aqui é colocar textos na sala dos professores para estimular. As pessoas aqui tem orgulho de dizer que não gostam de ler. Você acredita nisso? Eu nunca tinha visto isto na minha vida... Eu acho que a seleção é super falha, inclusive, para o concurso público de professor. Imagine que você somente realiza uma prova teórica e depois é chamado para assumir uma turma. Sabe que quando cheguei aqui as professoras escreviam relatórios chamando as crianças de três anos de alunos e falando de aula? Muito equivocadas teoricamente. Muito sério e tem sido muito difícil desconstruir todo esse equívoco e a falta de conhecimento do corpo docente! É muito assustador também escutar muitas professoras reproduzirem o discurso de que a escola privada é boa e a pública é ruim... Às vezes escuto alguns rótulos, estigmas e não conseguem perceber que tais pensamentos são mais antigos que nós mesmos. Digo sempre para sairmos do senso comum, mas não conseguem. Não conseguem nem se organizar para o trabalho coletivo. Aliás, possuem muita dificuldade de entender o significado da palavra coletivo. Imagina que quando cheguei aqui percebi vários produtos de higiene com nomes das crianças e vi que quando chegava o banho elas ficavam enlouquecidas com toda essa situação da divisão dos produtos segundo os nomes das crianças. Perguntei sobre a criança que não tinha os referidos produtos, a resposta que tive foi que não davam banho. Discutimos e terminamos com essa prática. Todos os materiais de higiene serão coletivos. Nós não vamos reproduzir o que acontece lá fora aqui dentro. Vamos nos organizar, a escola tem verba e

vamos oferecer os produtos de higiene para quem não tem. Tivemos que colocar no papel essas práticas construídas e estão registradas em nosso Projeto Político-Pedagógico. Para mim aqui falta uma Pedagogia do Trabalho, do trabalho coletivo. Falo isto porque aprendi muito nos assentamentos do Movimento dos Sem Terra (MST). Lá no MST tudo é muito organizado e todos trabalham, desde o pós-graduado até as crianças de cinco anos. Todos lá possuem uma auto-organização. Aqui já fiz muitas propostas de trabalho e elas não conseguem se organizar. Acho que elas esperam que eu diga o que elas devem fazer. Inacreditável não é? (Narrativa da supervisora da UMEI).<sup>2</sup>

Conforme narrativa acima registrada, verificamos que os desafios que existem há muito tempo no processo de estruturação da educação infantil em nosso país ainda permanecem. A formação dos professores, a constituição do trabalho da escola em tempo integral, a reprodução do raciocínio preconceituoso e elitista da sociedade no espaço escolar, a preocupação excessiva com as atividades relativas ao cuidar, o dilema público X privado.

Cabe destacar que a formação dos professores circula e permanece como ponto essencial, inclusive, para outras questões abordadas na narrativa da supervisora da UMEI. O fato de algumas professoras relatarem que não gostam de ler e acreditarem que tal escolha não interferirá em suas práticas profissionais é bastante temerária. Existem vários projetos desenvolvidos em escolas públicas que se destinam à formação de professores que preconizam a literatura como caminho. Esses projetos sugerem a literatura como mediadora de uma educação infantil cidadã, uma educação que respeite a criança em seu universo criativo e de imaginação. O estímulo à literatura permite o acesso à riqueza contida nos mundos ficcionais. Ainda a importância dos livros está na abertura de outras possibilidades como o desejo de cultura e, portanto, os museus, as músicas, as danças e tudo que pressupõe expressão permeia o universo singular da literatura. A tentativa de capturar os professores para experimentarem uma aprendizagem prazerosa e significativa na formação de seu senso estético está na esperança de sua conscientização política e pedagógica.

A formação do educador deve propiciar a formação de sujeitos críticos, criativos, autônomos para que possam também desenvolver nas crianças a perspectiva da cidadania. Quando a supervisora levanta a questão sobre a problemática da organização do trabalho coletivo, do planejamento de atividades pedagógicas, da reflexão em torno da temática do cuidar/educar está se referindo à precária formação daquele grupo de professores. Os professores não enxergam ou não compreendem porque possivelmente reproduzem as marcas históricas deixadas pela longa ausência de políticas educacionais e de uma formação qualificada. Como também, as políticas assistencialistas, as políticas compensatórias e

<sup>2</sup> Entrevista concedida em 04 de novembro de 2014 pela Supervisora da UMEI do bairro do Sapê, Niterói.

preparatórias, os poucos investimentos para o segmento da educação infantil. Os referidos ciclos de políticas vão deixando seus rastros e formando subjetividades coerentes com as realidades que circunscrevem.

Na continuidade deste caminho reflexivo, outra Unidade Municipal de Educação Infantil (UMEI) será analisada para que se possa encontrar, neste estudo, outras inferências relativas ao espaço escolar, sua estrutura, trabalho pedagógico, características do corpo docente, bem como, as narrativas dos profissionais referendando as impressões sobre a escola.

A UMEI está situada no bairro do Barreto, Niterói, atendendo em regime parcial a 270 crianças na faixa etária de três a cinco anos de idade. Ainda atende crianças com necessidade especiais e seu espaço físico é adaptado para este atendimento. Possui uma boa estrutura física com 05 salas de atividades no primeiro pavimento e 03 salas no segundo pavimento. Conta com pátio coberto e descoberto, parque infantil com brinquedos. Ainda disponibiliza sala de professores, Secretaria e Direção, banheiros nas salas de atividades, cozinha e refeitório, sala de recursos. Seu Projeto Político- Pedagógico (P.P.P.) foi sistematizado no ano de 1999 a partir de diversos momentos de discussão realizados pelos profissionais da unidade e pela equipe técnico-pedagógica. Todo ano o Projeto Político-Pedagógico é rediscutido e a base teórica do trabalho desenvolvido está de acordo com as ideias de Vygotsky sobre o papel ativo da linguagem na construção do conhecimento.

A UMEI procura enfatizar a dimensão sociocultural da educação, configurando um estreito trabalho com a arte como oportunidade de trabalhar a linguagem de modo bastante contextualizado e reflexivo. Sendo assim, atividades que permitem a reflexão crítica, por parte das crianças, são trabalhadas nos projetos pedagógicos que tratam sobre a vida e obra de diversos artistas (como Cândido Portinari e pintores e escultores Naïf, como José Antônio da Silva, Heitor dos Prazeres, Aparecida Azedo), bem como, as relações entre tais coisas e o contexto de suas vidas.

O planejamento pedagógico da UMEI acontece sempre às quartas-feiras, como em todas as unidades escolares da rede municipal de educação de Niterói. O espaço de planejamento é destinado para o encontro do coletivo escolar onde muitas questões são discutidas, sobretudo, as pedagógicas. Desta forma, as atividades programadas e que foram realizadas pelos professores ao longo da semana geralmente são apresentadas ao grupo. Dúvidas, curiosidades e expectativas são levantadas e o grupo propõe alguns encaminhamentos. O projeto da personalidade estudada durante o ano de 2014 foi Cora Coralina. As turmas ficaram de estudar a vida de Cora Coralina. Quem foi Cora? O que fez? Onde viveu? O projeto é construído com as crianças através de conversas, debates sobre a

temática proposta. As primeiras impressões dos estudos são registradas pela professora e posteriormente são apresentadas ao corpo docente da escola durante o planejamento pedagógico semanal. Uma professora levantou questões sobre algumas dificuldades ao ler poesias ou livros da poetisa Cora Coralina com suas crianças, devido à baixa concentração e à faixa etária da turma. A problemática foi conversada e o grupo a orientou para realizar propostas de confecção de doces, de escrita de receitas, de trabalho com a matemática dos ingredientes. Outras professoras já estavam realizando atividades de Cora Coralina, doceira, e apresentaram suas experiências ao grupo. Parece que todas as turmas estavam muito estimuladas com a expectativa dos doces!

A Diretora da UMEI também se pronunciou neste projeto e, ao longo da entrevista, destaca a importância da formação de pesquisador nos profissionais da educação. Mas por que seria tão imprescindível a atitude de pesquisador e investigador das questões pedagógicas? Para iniciar, a tarefa de educar o outro não pode estar descolada de uma atitude autônoma em busca do conhecimento reflexivo. Os professores, quando se constituem em educadores reflexivos, rompem com ideologias tecnocráticas e instrumentais que perpassam, muitas vezes, por sua prática cotidiana. Quando são abertos caminhos para reflexões sobre seus mundos vividos e o espaço social no qual se encontram inseridos, os professores alcançam o patamar de sujeitos políticos. Professores e alunos são capazes de articular o mundo vivido e o sistema social criando movimentos que deem sentido às suas vidas e à própria escola. Desta forma, para a Diretora, eis a importância da pesquisa.

[...] Isto é o mínimo dentro da profissão docente. Se você não deseja mais aprender ou estudar, como será possível a formação educacional das crianças, dos alunos? Que educação será essa? Que formação política será essa propiciada para as crianças? Eu penso que nós devemos valorizar a vontade de pesquisa, de estudo, de procura em livros, revistas por parte do professor. No projeto da Cora Coralina no ano passado, 2014, trabalhamos com o que surgiu a partir das crianças. Durante o projeto, algumas crianças perguntaram sobre os doces da Cora e como eram feitos. Fomos estudar e desenvolvemos atividades sobre a confecção dos doces. Depois passamos de sala em sala trocando os doces, uma turma trocava com a outra. Aprendemos matemática com as receitas, a escrita das receitas...

Outro dia mesmo, este ano de 2015, uma criança estava com dúvidas sobre a cor do sapo devido à história que havia escutado pela professora. Ele seria verde? Outra criança perguntou sobre a foca. Logo todas as crianças ficaram interessadas em conhecer uma foca. Qual seria a cor da foca? Chegaram à conclusão de que a foca é cinza. Mas não existe a cor cinza nos lápis para colorir. A professora, então, propôs criarem a cor cinza a partir da mistura de outras cores. Foi uma verdadeira alegria. Fomos fazer a cor com as crianças! (Narrativa da Diretora da UMEI)<sup>3</sup>

<sup>3</sup> Entrevista concedida em 31 de março de 2015 pela Diretora da UMEI do bairro do Barreto, Niterói.

A busca por entender a complexidade que envolve os professores e a educação brasileira tem sido temática de estudo de muitos acadêmicos. Falar dos professores como educadores reflexivos e que possam romper com as ideologias tecnocráticas e instrumentais é um caminho permeado por muitas questões. A sala de aula é um espaço rico de signos e significações que tomam forma através da linguagem. A relação entre professores e alunos se estabelece com diálogo e a aprendizagem somente será concretizada a partir dessa relação. Foucault (1996) sabiamente discorreu sobre a apropriação social dos discursos. Ele explica que todo sistema de educação significa uma forma política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos. O sistema de ensino é a ritualização da palavra, um jogo de papéis para os sujeitos que falam.

[...] Enfim, em escala muito mais ampla, é preciso reconhecer grandes planos no que poderíamos denominar a apropriação social dos discursos. Sabe-se que a educação, embora seja, de direito, o instrumento graças ao qual todo indivíduo, em uma sociedade como a nossa, pode ter acesso a qualquer tipo de discurso, segue, em sua distribuição, no que permite e no que impede, as linhas que estão marcadas pela distância, pelas oposições e lutas sociais. Todo sistema de educação é uma maneira política de manter ou de modificar a apropriação dos discursos, com os saberes e os poderes que eles trazem consigo (p. 43).

Tanto os professores quanto os alunos são sujeitos de conhecimento produzidos na mediação de seu cotidiano com o mundo social. São capazes de articular pensamento e fala através de representações do seu modo de viver. Isto se constitui na articulação entre o mundo vivido e o sistema social que o homem constrói, tudo passando pela mediação da ação comunicativa. Pensar nos professores que desenvolvem suas práticas pedagógicas e que, na maioria, fazem parte de uma dura realidade que compreende associar trabalho e estudos, superando precariedades no cumprimento de suas atribuições e, ainda assim, tentam lograr resultados, nos ousa a desvelar o que significa as dobras de seus pensamentos, resistências.

Nesta perspectiva, Foucault abre o desvelamento de um saber que conduz ao questionamento inquietante da construção crítica de um conhecimento transformador. Os cursos de formação de professores devem levar em consideração a relação entre teoria e prática enquanto possibilidade para uma educação emancipatória e transformadora. Este é o desafio para aqueles que se dedicam a pensar sobre as políticas educacionais. Os professores devem ser ouvidos nas suas demandas e participar do planejamento e elaboração desses cursos de formação continuada. Devem ter seus saberes e experiências valorizados.

Um dos labirintos mais complexos da tarefa de ser professor está no significado e no papel político que a educação possui no contexto social. Educar é um ato político. A consciência política é uma das vertentes que clama ser prioridade na formação dos professores. Várias pesquisas já apontaram que a despolitização traz graves consequências para a atividade profissional do educador, pois também interfere não somente em seu cotidiano pedagógico, mas, sobretudo, em sua cidadania. Investir na formação do professor é contribuir para processos de desmistificações de conceitos e preconceitos objetivando maior conscientização e participação na vida política da sociedade.

Sendo assim, a experiência que os professores vivenciam nas formações se configura em um processo dinâmico, vivo e encantador. Ele se encontra bastante presente em todas as escolas que a pesquisa contemplou e a UMEI do bairro do Barreto reconhece o quanto a formação da cultura da pesquisa e do estudo é uma fonte substancial para as suas práticas pedagógicas. Através de entrevista realizada com a Diretora, a narrativa mostra esse percurso.

[...] Iniciamos somente com as professoras do antigo 3º período do infantil, por volta do ano 2000, o planejamento pedagógico focado em atividades diversas realizadas com as crianças e num processo de construção de todo um trabalho coletivo. Este trabalho estava baseado na complexa relação entre os processos de desenvolvimento-aprendizagem infantil, no conhecimento socialmente elaborado e no nosso (das professoras) próprio processo de aprendizagem e reflexão para a apropriação dos fundamentos teóricos relativos ao desenvolvimento infantil aqui delineado. Quando os nossos colegas observaram nosso estudo, bem como toda a pesquisa desencadeada pela busca do conhecimento, ficaram interessados em saber o que estava acontecendo. Esse processo acabou por contaminar a todos na escola.

Nós trabalhamos com grupos de estudos. Temos paciência e esperamos que os profissionais que por aqui passam escolham o que desejam fazer: se incluir dentro de nossa metodologia ou procurar caminhos diferentes, quem sabe, em outras escolas. Esperamos, por exemplo, até mais ou menos quatro anos. Temos experiências que se em quatro anos de investimentos em estudos e em trabalhos, os professores não decidirem o que querem fazer e os caminhos trilhados, orientamos esses profissionais a procurarem “outros caminhos” que satisfaçam suas expectativas. Temos consciência que o trabalho realizado afeta diretamente as crianças. Sabemos que algumas professoras são muito tradicionais, mas aos poucos vão enxergando o resultado e às vezes mudam mesmo suas práticas. Temos que acreditar! (Narrativa da Diretora da UMEI)<sup>4</sup>.

Este trabalho proporciona a formação como pessoa, como profissional, como estudioso instigado pelas questões não respondidas. O estranhamento do que está banalizado no cotidiano faz com que se procurem outros fazeres, outros pensares. A cultura da pesquisa

<sup>4</sup> Entrevista concedida em 31 de março de 2015 pela Diretora da UMEI do bairro do Barreto, Niterói.

e do estudo abre um leque de possibilidades para o indivíduo, pois se constitui em um espaço onde se forma e é formado. O ambiente pesquisador pressupõe uma ação recíproca, comprometida com a multiplicidade de formas de compreender a realidade e os seus dilemas, trazendo o entrelaçamento entre a teoria e a prática, dentro de um processo reflexivo, sistemático, crítico.

Ainda em entrevista com a Diretora da UMEI do Barreto, o processo de formação e de pesquisa trouxe muitas aprendizagens para ela e para o grupo que participa da proposta.

[...] O planejamento pedagógico é uma conquista e precisamos usá-lo para este fim. O momento do planejamento é para discutir coletivamente sobre nossos objetivos e estratégias. Nesse ano de 2015, no último planejamento pedagógico, pensamos em trabalhar com os direitos das crianças. A arte, por exemplo, é muito importante para nós. Reconhecemos que os personagens das efemérides, em algum momento, serão estudados pelas crianças e elas terão oportunidades de conhecer. Mas quando essas crianças terão possibilidades de conhecer Portinari, Cora Coralina e Arte Naïf?

O projeto cultural se desenrola durante o ano ou não. Depende das temáticas que serão desenvolvidas e dos estudos planejados. Este processo não tem fim.

Nós trabalhamos com grupos de estudos. Temos paciência. Esperamos que os profissionais que fazem parte de nossa escola decidam se gostam ou não de nossa metodologia e concepções (...)

Na educação infantil, eu afeto muito mais do que trabalhando com o ensino fundamental. O trabalho na educação infantil cria bases para a criança pensar, questionar, produzir.

O professor que não tem autonomia será um mero reproduzidor. Pensar dá trabalho. Tem pessoas que até preferem o “cabresto”. O professor precisa ler e ler muito. Às vezes ele possui graduação, mas não tem conhecimento. Desde sua infância, o professor não foi instigado a pensar e a exercer sua curiosidade. Ter um olhar crítico das coisas. Da mesma forma, sem pensamento crítico não enxergamos o que falta e não conseguimos pensar sobre as políticas. Não conseguimos sequer solicitar explicações sobre a gestão de um governo. Aceitamos tudo sem questionar (Narrativa da Diretora da UMEI)<sup>5</sup>.

O processo de autonomização que o professor precisa construir ao longo de sua trajetória profissional precisa ser entendido como fator importante e necessário. Um dos grandes problemas que encontramos diante da prática profissional dos educadores ainda se refere a como trabalhar com a opção democrática. Quanto maior a liberdade que o professor tem no processo educacional, maior será o seu poder de criticidade e de autoridade.

O trabalho no coletivo escolar, como abordado na narrativa, é um desafio permanente. São as experiências formadoras que dão sentido ao trabalho pedagógico. O atravessamento entre reflexão e ação, a apropriação da criticidade política e instituinte trazem a força

<sup>5</sup> Entrevista concedida em 31 de março de 2015 pela Diretora da UMEI do bairro do Barreto, Niterói.

necessária que nos toca, nos constrói e desconstrói, transformando as nossas inquietudes e insatisfações.

As narrativas que foram partilhadas até então possuem uma forte demonstração do processo importante que é a formação dos professores e educadores. Há necessidade de permanentes espaços para reflexão e questionamentos sobre os cotidianos escolares. A construção de currículos está diretamente relacionada com os coletivos escolares e suas subjetividades. Não existem possibilidades de currículos libertadores, senão houver a constante e a permanente preocupação com as formações de nossos professores.

Para continuar caminhando nesse sentido de desvelar o que iluminaria subjetividades libertadoras em relação àquelas que seriam reprodutoras, Michel Foucault, através das contribuições das aulas proferidas em 1982 no *Collège de France*, traz uma grande reflexão sobre o político inter-relacionado com a ética, que se complexifica por meio do estudo das governamentalidades, com a exploração do conceito de cuidado de si. A sua preocupação está voltada para a relação do sujeito com a verdade, trazendo a ideia de que o que define a oposição entre o sujeito antigo e o sujeito moderno é uma relação inversa de subordinação entre o cuidado de si e o conhecimento de si.

Foucault escolhe o texto em que Alcibíades trava um diálogo com Sócrates, trazendo algumas pistas sobre o problema do “cuidado de si” e do “conhecimento de si” (2010b, p. 157-158):

[...] Gostaria de recordar alguns aspectos a propósito do Alcibíades, que expus na primeira aula. Lembramos que, nesse diálogo, tratava-se de mostrar que Alcibíades devia ocupar-se consigo mesmo. E por que devia ocupar-se consigo mesmo, nos dois sentidos do “por quê”? Ao mesmo tempo porque ele não sabia o que era, precisamente, o bem para a cidade e em que consistia a concórdia dos cidadãos. E, por outro lado, a fim de poder ocupar-se com seus concidadãos como convinha. Portanto, devia ocupar-se consigo mesmo para poder ocupar-se com os outros. Lembramos também, como lhes indiquei, que no final do diálogo, Alcibíades se comprometia a “ocupar-se” (*epimélesthai*). Retoma a palavra que fora a de Sócrates. Diz ele: está certo, vou ocupar-me. Mas ocupar-me com o quê? Pois bem, ele não diz “vou ocupar-me comigo mesmo”, mas “vou ocupar-me com a *dikaíosýne* (a justiça)... Portanto, quando Alcibíades, seguindo a lição de Sócrates e mantendo sua promessa, vier a ocupar-se com a justiça, se ocupará com sua alma, com a hierarquia interior de sua alma, com a ordem e a subordinação que deve reinar entre as partes dela; ao mesmo tempo e por isso mesmo, se tornará capaz de estar atento à cidade, de salvaguardar suas leis, a constituição (*a politeía*), de equilibrar, como convém, as justas relações entre os cidadãos. Ao longo de todo esse texto, o cuidado de si é pois claramente instrumental em relação ao cuidado dos outros (grifos do autor).

O cuidado de si aparece, portanto, como princípio constitutivo de nosso ser enquanto sujeito de ações sociais. A tarefa do cuidado de si perpassa por mim mesmo porque não há como dissociar o sujeito privado do público, a identidade privada da pública. Cumpro provisoriamente um papel, uma função de comando, sabendo, todavia, que a única coisa que devo e posso verdadeiramente comandar é a mim mesmo. A reflexão que é instigada pelo texto se refere ao comando dos outros que nunca deverá privar-se do comando sobre mim mesmo. O sujeito ético será aquele que reconhecerá que a única soberania a ser exercida será sobre si mesmo. Não se trata de governar a si como se governa os outros, procurando modelos instituídos socialmente, mas só será possível comandar os outros a partir de um governo primeiro, o único decisivo, essencial e efetivo: o governo de mim mesmo.

A ética desejada pelo autor em seus estudos exige exercícios, regularidades, trabalho e não coerções anônimas. A formação do código de ética não viria de uma lei civil ou de uma prescrição religiosa, mas de uma escolha pessoal de existência. A elaboração ética de si é fazer da própria existência o lugar de construção de uma ordem coerente e interna. Quanto à escolha de ordem pessoal, Foucault considera que tal tarefa não pode estar dissociada da presença do Outro. O cuidado de si, tão enfatizado por ele, estaria entrelaçado e constituído pelo princípio das ações mergulhadas nas relações sociais e coletivas. O sujeito descoberto no cuidado é totalmente o contrário de um indivíduo isolado, na realidade, é um cidadão do mundo. O principal convite do cuidado de si se destina ao sujeito descobrir-se como membro de uma comunidade humana.

O filósofo descreve as suas ideias sobre o cuidado de si explicando que não se trata de um processo ou exercício baseado em uma construção solitária, pois a busca pela “verdade” é uma prática social tramada nas relações sociais. O cuidado de si é atravessado pela presença do Outro diante de quem nos medimos, enfim, o outro que nos instiga a pensarmos sobre nós mesmos e em nossa própria existência.

Durante as observações realizadas ao longo da pesquisa nas instituições de educação infantil, ou mesmo nas entrevistas, foi perceptível reconhecer subjetividades aprisionadas em modelos reprodutores, com poucas ações reflexivas em torno de suas práticas ou fazeres. A preocupação esteve pautada em cumprir tarefas porque desde então sempre se cumpriu e assim deve ser. Indagadas sobre a possibilidade de fazer diferente, as professoras explicaram que não viam necessidade de mudar alguma prática já que sempre trabalharam daquela forma. Ainda indagadas sobre a busca pelo conhecimento, através de cursos de formação ou mesmo da formação universitária, responderam que também não identificavam necessidade pelos estudos.

Em uma das instituições pesquisadas, ao longo da pesquisa de doutoramento, a supervisora escolar expressou certo estranhamento em relação ao comportamento reprodutivista das professoras. Levantou questões pertinentes e importantes sobre a responsabilidade da ação pedagógica e buscou problematizar o cotidiano escolar. Também foi reconhecida ao longo da entrevista a sua preocupação em levantar questões sobre o planejamento pedagógico, a importância da leitura e a busca pela independência individual de cada profissional. Os planejamentos são construídos de forma coletiva e todos são chamados a participar. Ela pensa que todos precisam ser autônomos na busca pelo conhecimento.

A determinação profissional da supervisora em instigar reflexões sobre as práticas na escola, como também, o projeto de escola integral, é fruto de um movimento em torno de um objetivo, uma meta: a ideia de criação de uma escola pública de qualidade. Ela deixou claro, em sua narrativa, que a educação é antes de tudo uma condição política e que não se pode desperdiçar a oportunidade de espaços políticos, sobretudo para o segmento da população mais carente, menos privilegiado.

*O cuidar de si* toma, então, a dimensão de coexistência em relação à vida. Não somente ao longo de toda a vida humana, mas em sua plenitude - profissional, pessoal, política. Não mais se detém como um movimento em torno de si mesmo, mas ganha uma dimensão coletiva, social.

### **Considerações finais**

A reflexão que foi tecida ao longo do artigo apresentou questões sobre o sujeito político, educador e cidadão que forma subjetividades e também ainda se encontra constantemente em formação. Considerando o importante processo da constituição das subjetividades, segundo as contribuições de Foucault, urge indagações que precisam ser levantadas como princípios para todos aqueles que se interessam e trabalham, sobretudo, com a área da Educação. O que se pode esperar dos sujeitos educadores que estão construindo todos os dias, em suas práticas pedagógicas, currículos escolares ou políticas da educação? Estariam cumprindo com os seus papéis de governo de si e dos outros?

O grande desafio de investigar os sujeitos do cuidado de si ao longo deste artigo esteve centrado nas lutas empreendidas nos cotidianos das instituições de educação infantil. As tensões entre diretores e professores, professores e alunos, instituições escolares e Secretaria de Educação demonstram as três formas de lutas que Foucault sabiamente destacou: lutas contra as explorações (econômicas), lutas contra as dominações (políticas), lutas contra as

sujeições (éticas). O foco principal dessas lutas está na forma de exercício do poder sobre a vida cotidiana, que classifica os indivíduos em categorias, formata as suas subjetividades, impõe leis sobre a vida.

A busca pelo cuidado de si se configura em caminho de introspecção, comportamento reflexivo voltado para o ocupar-se consigo mesmo. Ocupar-se com a justiça, ocupar-se com a sua alma e conseqüentemente tornar-se capaz de estar atento à cidade, ao respeito as suas leis, às relações justas entre os cidadãos. A incorporação desta forma de ser e de viver modifica a existência dos sujeitos, pressupõe desafios constantes: Como posso eu governar a mim e aos outros? Qual trabalho devo operar em mim mesmo para educar de forma ética e política?

Partindo do pressuposto de que a instituição escolar se configura como um lócus privilegiado de produção de subjetividades, torna-se urgente balançar, sacudir as mesmices da escola que produz “corpos dóceis, submissos e úteis” ao sistema de produção (FOUCAULT, 2010a), transformando-a numa escola mais propensa para o novo, para a criação. O conceito do cuidado de si enfatizado por Foucault recupera o questionamento sobre as normas prescritas, sobre as crenças e os dogmas cristalizados, pretendendo abrir espaços para as resistências. As técnicas referentes ao cuidado de si são pensadas visando à transformação da vida em obra de arte, à procura por uma ética e estética da existência.

A proposta, hoje, de ter como parâmetro uma Base Nacional Comum Curricular (BNCC) propõe um alinhamento de políticas e de ações que têm como referência um discurso padronizado e normatizado sobre a educação, desconsiderando os sujeitos na sua multiplicidade, diversidade e heterogeneidade.

Assim, a construção de currículos também deve ser pensada na perspectiva do processo, da formação e não como um objeto estanque que propõe idealizações para a sonhada “qualidade”, o produto, o resultado. Os currículos devem ser pensados na sua dimensão de produção de subjetividades diversas, fluidas, em constante transformação e não como algo que enquadra, formata, empobrece a diversidade humana e as relações humanas e sociais.

## REFERÊNCIAS

BALL, Stephen J. Intelectuais ou técnicos? O papel indispensável da teoria nos estudos educacionais. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (orgs.). **Políticas educacionais: questões e dilemas**. São Paulo: Cortez, 2011, p. 78-99.

EVANGELISTA, Marcia Nico. **Os movimentos instituintes na educação infantil: políticas públicas no município de Niterói**. 262 f. Tese (Doutorado). Programa de Pós-Graduação em

Educação da Faculdade de Educação da Universidade Federal Fluminense, UFF, Rio de Janeiro, Niterói, 2016. Orientadora: Prof. Dra. Célia Frazão Soares Linhares.

FOUCAULT, Michel. **A ordem do discurso**; aula inaugural no *Collège de France*, pronunciada em 2 de dezembro de 1970. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

FOUCAULT, Michel. **Ditos e Escritos**. Estratégia, poder-saber. Organização e seleção de textos de Manoel Barros da Motta. Tradução de Vera Lucia Avellar Ribeiro. 2.ed. Rio de Janeiro: Forense, 2006.

FOUCAULT, Michel. **Vigiar e punir**: nascimento da prisão. 38 ed., Petropolis: Vozes, 2010a.

FOUCAULT, Michel. **A hermenêutica do sujeito**: curso dado no *Collège de France* (1981-1982). 3. ed., São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2010b.

LOPES, Alice Casimiro; MACEDO, Elizabeth. Contribuições de Stephen Ball para o estudo de políticas de currículo. In: BALL, Stephen J. ; MAINARDES, Jefferson (Org.). **Políticas educacionais**: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011, p. 248-282.

MAINARDES, Jefferson; FERREIRA, Marcia dos Santos; TELLO, Cesar. Análise de políticas: fundamentos e principais debates teórico-metodológicos. In: BALL, Stephen J.; MAINARDES, Jefferson (orgs.). **Políticas educacionais**: questões e dilemas. São Paulo: Cortez, 2011, p. 143-172.

## SOBRE AS AUTORAS

### **Maria de Fátima Costa de Paula**

Pós-Doutora em Políticas de Educação Superior na América Latina pela Universidad Nacional de Tres de Febrero (UNTREF), Argentina; Doutora em Sociologia pela Universidade de São Paulo (USP) e pela École des Hautes Études en Sciences Sociales (EHESS), Paris; Professora Titular do Programa de Pós-Graduação em Educação da Universidade Federal Fluminense (UFF); Coordenadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES) da UFF e Pesquisadora do Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico (CNPq) desde 2003. E-mail: [mfatimadepaula2015@gmail.com](mailto:mfatimadepaula2015@gmail.com)

 <http://orcid.org/0000-0003-1659-3384>

### **Marcia Nico Evangelista**

Doutora em Educação pela Universidade Federal Fluminense (UFF). Professora e Supervisora da Fundação Municipal de Educação de Niterói (FME), lotada no setor da Coordenação Especial de Supervisão Educacional (COESE), responsável por autorizar, credenciar, acompanhar e avaliar a oferta de educação infantil, pública e privada no município de Niterói. Pesquisadora do Núcleo de Estudos e Pesquisas em Educação Superior (NEPES) da UFF. E-mail: [marcianico@gmail.com](mailto:marcianico@gmail.com)

 <http://orcid.org/0000-0002-5915-8801>

Recebido em: 24 de março de 2019

Aprovado em: 23 de abril de 2019

Publicado em: 01 de julho de 2019